

Uma história instigante

por Ângela Bittencourt

da Basileia

Poucas instituições na Europa têm uma história tão instigante como a do Banco para Compensações Internacionais (BIS).

Criado para coordenar o pagamento e recebimento das indenizações de guerra da Alemanha, o BIS já foi presidido por um banqueiro americano e também por um jornalista.

O BIS foi criado em 1930 pelo esforço de cinco bancos centrais: Inglaterra, Alemanha, Bélgica, França e Itália. Estes bancos tornaram-se os maiores acionistas da instituição, conservando até hoje sua participação individual em 40 mil ações. Ao longo do tempo, outros bancos centrais foram se agregando aos cinco fundadores, mas eles detêm até hoje a prerrogativa de indicar os componentes da diretoria executiva da instituição.

Enquanto os exércitos disputavam palmo a palmo o território europeu, durante a Segunda Guerra, as reuniões do Conselho de Administração do BIS colocavam lado a lado alemães, japoneses, italianos, ingleses, e americanos para discutir um tema: como utilizar os US\$ 378 milhões em ouro que formavam as reservas da instituição de forma a reerguer as economias após a guerra.

Ouro e guerra são palavras constantes no vocabulário de quem sabe um pouco mais sobre esse silencioso banco, que conseguiu atravessar vários anos, mantendo sua contabilidade registrada em franco-ouro, mesmo após o mundo ter desistido do padrão-ouro em Bretton Woods.

Atualmente, a presidência é ocupada pelo "chairman" do banco central da Holanda, mas na diretoria estão representados os bancos centrais da Bélgica, com Alexandre Lamfalussy, que é o diretor-geral; da Inglaterra, R.T.P. Hall, assistente do diretor; Itália, Giamprieto Morelli, na secretaria-geral; França, com Rémi Gros, que é o chefe do departamento bancário e a Alemanha com Horst Bockelmann, que

chefia o Departamento de Assuntos Econômicos e Monetários.

O conselho de administração é composto por treze membros. Três sempre são representados pela Holanda, Suíça e Suécia. O resto da equipe é formada por duas pessoas de cada país-fundador, sendo que um deles sempre é o presidente do banco central e o segundo é indicado também por este presidente.

São países-membros do BIS, atualmente, todos os europeus exceto a União Soviética, Albânia e a Alemanha Oriental. Fazem parte da organização, ainda, a África do Sul, a Austrália, o Canadá e o Japão. Os Estados Unidos não subscreveram suas ações e não têm assento no conselho de administração, embora o representante do Federal Reserve Board (banco central norte-americano) seja sempre o mais esperado a cada reunião.

Apesar do conflito entre as posições dos diversos países-membros sobre a administração da política monetária internacional — onde os europeus se sentem como que roubados pelos americanos devido à sobrevalorização de suas moedas — o carpete claro que reveste os corredores circulares do edifício sede do BIS amortecem qualquer ruído.

Aos menos avisados, o BIS passaria como uma instituição privada qualquer, onde sua diretoria reúne esforços na busca de lucro. O mesmo não acontece, porém, quando se depara com o austero edifício original que fica do outro lado da rua.

A imponente construção do século passado transcende à história e não é sem curiosidade que as pessoas observam a demolição do antigo edifício.

Como que passando uma borracha na história, as paredes vão ao chão para dar lugar a uma arquitetura mais moderna e operacional. Mas a fachada do prédio antigo será conservada e certamente continuará surpreendendo os visitantes que chegam na estação ferroviária instalada exatamente do outro lado da praça central da Basileia.